

Transformações da paisagem Mangaratibense: narrativas socioecológicas na Mata Atlântica

Eduardo Pinheiro Antunes

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: e.pinheiroantunes@gmail.com

Inserida no bioma Mata Atlântica a paisagem Mangaratibense é herança de séculos de transformações. Tal processo dinâmico teve como força motriz diferentes interações sociais e ecológicas que se estabeleceram neste recorte espacial desde a ocupação por povos ameríndios, como os Tamoios, até os dias atuais com suas baixadas fluviomarinhas densamente ocupadas e suas montanhas florestadas protegidas por unidades de conservação ou utilizadas por fruticultores. Neste rico contexto, o objeto de investigação que vertebra a presente pesquisa são as florestas de Mangaratiba e os vestígios sobrepostos nestas paisagens pelas diferentes interações socioecológicas estabelecidas ao longo do tempo. Assim, buscamos compreender como o processo histórico de uso e ocupação do território influenciou diretamente na dinâmica de transformação da paisagem. Para tal foram investigadas as referidas formações florestais, inventariando os vestígios físicos (carvoarias, ruínas e moradias atuais) e biológicos (cultivos, consórcios, espécies exóticas) existentes no seu interior. Para interpretarmos como esse processo transformou a paisagem Mangaratibense, partimos da experiência como gestor de unidade de conservação e pesquisador na área de estudo. Os procedimentos metodológicos incluem uma ampla pesquisa bibliográfica de fontes históricas secundárias, trabalhos de campo exploratórios e a utilização de ferramentas de geoprocessamento para geração de dados, mapeamentos e análise de associação espacial entre os elementos da paisagem. Resultado dessa dinâmica de transformação, o percentual atual de remanescentes florestais em bom estado de conservação marca a paisagem municipal. Hoje, cerca de 70% de Mangaratiba é coberto por vegetação nativa, em sua maioria, composta por Florestas Pluviais Atlânticas secundárias, principalmente em formações montanas e submontanas em diferentes estágios de sucessão e com históricos distintos de interação e manejo socioecológico. As florestas Mangaratibenses foram e são palco para o processo de produção social, demarcando as paisagens e gerando inúmeras territorialidades através da interrelação sociedade-natureza. Assim, essas matas guardam sob a sua cobertura os vestígios dessas interações pretéritas: formas e objetos, artificiais ou naturais, representando determinados momentos do processo de formação espacial. Foram inventariados inúmeros vestígios dessas interações, como a presença de flora não-nativa em meio à floresta, ou em consórcio com ela – banana (*Musa sp.*), pés de café (*Coffea arabica* L.), jaqueiras (*Artocarpus heterophyllus* Lam.), pupunheiras (*Bactris gasipaes* Kunth.) e limoeiros (*Citrus aurantifolia* L.). Ademais, a efervescência das atividades econômicas que marcaram os séculos XVIII e XIX, como o plantio de cana-de-açúcar e do café no município e regiões vizinhas, foram importantes vetores de transformação da paisagem e, hoje, mais de um século após o abandono destas atividades, diversas ruínas ainda são encontradas em meio às florestas do município. Nota-se ainda vestígios de carvoarias, muito usados para produzir a principal fonte energética que subsidiou o processo de transformação de sua paisagem até meados do século XX. Por

fim, ressaltamos que os remanescentes florestais de Mangaratiba representam uma paisagem composta por inúmeras camadas de interações socioecológicas construídas ao longo do tempo. Logo, ressaltamos que tais florestas são laboratórios vivos para investigações socioambientais pautadas na geografia, na história ambiental e na ecologia histórica.